



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

AMARO FREIRE AMEZTEGUI ROSALES

**A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS:
INTERVENÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS EM ESCOLA DA REDE ESTADUAL
NA COMUNIDADE DO MUTIRÃO EM CAMPINA GRANDE – PB**

**CAMPINA GRANDE
2018**

AMARO FREIRE AMEZTEGUI ROSALES

**A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS:
INTERVENÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS EM ESCOLA DA REDE ESTADUAL
NA COMUNIDADE DO MUTIRÃO EM CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Orientadora: Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE
2018**

Ficha catalográfica

R788p Rosales, Amaro Freire Ameztegui.
A percepção do espaço geográfico através dos mapas mentais [manuscrito] : intervenções didático-pedagógicas em escola da rede estadual na comunidade do mutirão em Campina Grande – PB / Amaro Freire Ameztegui Rosales. - 2018.
53 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo , Departamento de Geografia - CEDUC."
1. Mapas Mentais. 2. Percepção geográfica. 3. Estudo de comunidade. 4. intervenções didático-pedagógicas. I. Título
21. ed. CDD 153.4

AMARO FREIRE AMEZTEGUI ROSALES

A PERCEÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS:
INTERVENÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS EM ESCOLA DA REDE ESTADUAL NA
COMUNIDADE DO MUTIRÃO EM CAMPINA GRANDE - PB

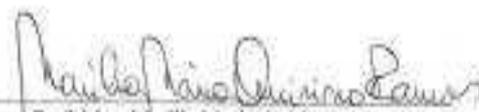
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovado em 16/10/2018

BANCA EXAMINADORA


Dra. Rosandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Msc. Marília Maria Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Msc. Maria das Graças Orlino Ramos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

À comunidade do Mutirão, escola da vida.

Ao meu amigo Victor Dantas (*in memoriam*)

DEDICO o presente trabalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mestre divino Jesus Cristo e à divina espiritualidade, por guiarem minha mente e meu caminho durante o período de realização do trabalho.

Grato aos ensinamentos e vivências da Prof. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, ao conduzir a orientação deste trabalho, entre outros que foram fundamentais na minha formação como professor e pesquisador da Geografia.

Minha Gratidão a toda minha família, disseminada entre o Brasil, a Bolívia e a Suécia. No Brasil, em especial a minha mãe Cláudia Freire, cuidadora e guia de minha existência atual, minha avó materna Giselda Maria Freire, que me ensinou desde cedo os valores de responsabilidade e respeito, minha tia Danielle Freire de Araújo, que tanto me incentivou nessa caminhada, meu irmão Fabio Campos Rolim Filho, companheiro presente em todas as fases da minha vida.

Aos companheiros de curso que diariamente compartilharam comigo experiências na formação acadêmica, dividindo sentimentos, dificuldades e sucessos. Concluir esta fase da minha vida tem contribuição fundamental de cada um que se fez presente do começo e ao finalizar este processo.

Grato a todos professores do Curso de Geografia da UEPB que foram agentes ativos no meu processo de formação acadêmica, em especial Maria Jackeline Feitosa, Antônio Albuquerque, Margarida Magalhães, Rafael Xavier, Ozéas Jordão, Luiz Arthur, João Damasceno, Graça, Marília Maria Quirino Ramos e Antônio Cardoso.

“Hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás.” (Ernesto Guevara de la Serna)

RESUMO

O presente estudo tem como foco o desenvolvimento de práticas pedagógicas que trabalhem com a subjetividade do aluno e o fortalecimento da identidade local no contexto das aulas de Geografia. As práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem correspondem à produção de mapas mentais por alunos, possibilitando a representação, estudo e problematização do lugar de vivência, contextualizados de acordo com conceitos da Geografia Escolar aplicados à comunidade estudada. A pesquisa realizada apresenta caráter qualitativo, fazendo o uso do método fenomenológico e da pesquisa-ação. O público alvo foi constituído por alunos do 7º ano “B” e 8º ano “B” da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, localizada na Comunidade Mutirão, Bairro Serrotão, em Campina Grande, PB. Os mapas mentais abordaram as características socioeconômicas e espaciais desta comunidade através das intervenções cartográficas na aula de Geografia, promovendo uma leitura integrada do espaço vivido. O principal resultado alcançado com esta prática pedagógica foi despertar e desenvolver as percepções geográficas espaciais dos alunos que favorecem o processo de transformação do espaço de vivido, fortalecendo a construção de valores necessários para a prática cidadã.

Palavras-Chave: Espaço Vivido, Ensino de Geografia; Mapas Mentais;

ABSTRACT

The present study has the main goal the development of pedagogical practices who work with the subjectivity and fortification of local identity on the context of geography classes, providing teaching and learning situations that make it possible the representation, study and problematization, from the production of mental maps by students at elementary school level of the state public network, contextualizing accord to concepts of applied school geography to reality of the Mutirão community abbording the socioeconomic and spacial indexes of the community which the presente work was development. The research carried out is qualitative character, making the use of phenomenological method, and using the research-acting method. The target audience consisted of elementary school students from the 7 B year and 8 A year of Escola fundamental Nossa Senhora Aparecida localized on Mutirão community, Serrotão Neighborhood, Campina Grande-PB. Through de use of mental maps and cartographic interventions in the integrated geography class with the reading of lived space, it is possible to awaken and develop the spacial geographical perceptions of students, favoring the process of transformation of the living space and strengthening the construction of necessary values to citizen practices.

Keywords: Lived Space, Mental Maps, Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distância da Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida em relação ao centro da cidade de Campina Grande	28
Figura 2	Rua Rafaela Souza Silva – principal da Comunidade do Mutirão	31
Figura 3	Primeira remessa dos mapas mentais, confeccionados através da percepção dos alunos do 8º ano B	33
Figura 4	Elaboração dos mapas mentais pelos alunos do 8º ano B em sua primeira remessa	35
Figura 5	Primeira remessa dos mapas mentais confeccionado pela turma do 7º ano B	37
Figura 6	Aula de campo para expansão dos conhecimentos espaciais e geográficos dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senha Aparecida	39
Figura 7	Segunda remessa de mapas mentais por alunos do 8º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida	40
Figura 8	Mapas mentais confeccionados em sua segunda remessa por alunos da turma do 8º ano B	43
Figura 9	Confecção dos mapas mentais em sua segunda remessa, realizado por alunos do 7º ano B	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	Contextualizando a produção geográfica	16
2.2	O ensino de Geografia no Brasil: contexto histórico	19
2.3	A cartografia escolar desenvolvida através dos mapas mentais na leitura do espaço	23
3	METODOLOGIA	27
3.1	Método	27
3.2	Local do estudo	27
3.3	População e amostra	29
3.4	Técnica de coleta de dados	29
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS	31
4.1	Caracterização do espaço da pesquisa	31
4.2	Projeto de intervenção desenvolvido	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE A – CADERNO DE CAMPO	52
	APÊNDICE B – LOCAL DO ESTUDO	53
	APÊNDICE C – ROTEIRO DA PESQUISA	54

1 INTRODUÇÃO

A educação pública brasileira atual vive um grande desmonte desde o ano de 2016, a partir dos cortes que a vem atingindo cada vez mais, do ensino superior ao básico. São exemplos disso, a extinção do Programa Ciência Sem Fronteiras, a desarticulação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, o processo de aprovação da Ementa Parlamentar PEC 55, criada pelo governo federal e aprovada pelos parlamentares que congela por vinte anos os investimentos gerais em educação no país.

Com todas essas manobras feitas no campo da política educacional, a educação pública vem sofrendo processos que podem causar danos irreversíveis no processo de ensino e aprendizagem. Esse fato reflete na Geografia escolar e em seus conteúdos trabalhados, podendo ser identificados por alguns sintomas específicos no ensino da Geografia, como a desvalorização do professor e das Ciências Humanas, o sucateamento de algumas escolas públicas em termos de infraestrutura, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, a falta de material adequado para desenvolver as aulas de diversas disciplinas, a falta de professores qualificados para trabalharem com os conteúdos geográficos e, principalmente, com a cartografia escolar.

Esses sintomas de descaso presentes na atual realidade do ensino da Geografia e em outras áreas da educação não é específico do momento atual. Na verdade, esse processo vem ocorrendo desde o século XX, no período do regime militar, que tomou a medida de retirar a ciência geográfica do ensino fundamental e médio. A Geografia e a História deram lugar aos Estudos Sociais numa tentativa de despolitizar totalmente o ensino dessas duas ciências.

Mas, com o desabrochar da revolução científico-tecnológica ou Globalização e os processos de modernização nos meios de produção, comunicação e transporte, principalmente nos países de forte protagonismo capitalista como Japão, China, Alemanha, Coreia do Sul e EUA, influenciaram na reformulação do processo educacional brasileiro, relacionado à compreensão da sociedade e assim a Geografia voltou a ser oferecida em seus currículos escolares.

Esses processos históricos que aconteceram a nível mundial também ecoaram no Brasil e na América Latina, fazendo com que a ciência geográfica experimentasse diversas oscilações em seu currículo e em sua prática de sala de aula durante o século XX. Conseqüentemente, no século XXI, continua causando diversos efeitos no processo de ensino e aprendizagem de gerações de estudantes, já que a grande maioria não teve oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos na Geografia do ensino básico, culminando em um

processo de descaso com a Geografia em sala de aula e no currículo escolar, com reflexos sobre o aprendizado cartográfico dos alunos.

Essa realidade assim posta, com seus obstáculos e virtudes, incide na ciência geográfica, ocasionando diversos problemas como o analfabetismo cartográfico e a reprodução de uma geografia mecanicista, utilizada meramente para decorar os conceitos e temas, não aprofundando os estudos e percepções sobre o espaço. Esses problemas limitam cada vez mais o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, tornando-o contraditório e segregacionista, caminhando numa direção contrária ao real objetivo da escola, que é de garantir a aprendizagem de habilidades e determinados conteúdos para a vida social, formando cidadãos ativos politicamente e socialmente no país, contribuindo para a transformação contínua da sociedade atual e emancipando o ser através dos conhecimentos adquiridos no processo de ensino e aprendizagem.

A Geografia no contexto escolar do século XXI, surge com papel vital para a leitura, compreensão, análise e conhecimento do espaço a nível micro (o espaço vivido e as delimitações territoriais mais próximas) e a nível macro (o espaço a nível continental e mundial).

Conforme as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 12), o ensino de Geografia funciona como o conhecimento que possibilita a sociedade a desenvolver uma visão crítico-reflexiva, onde se verifica que entender as relações que se processam no espaço geográfico torna-se, cada vez mais, uma tarefa fundamental para se compreenderem as formas de organização das diversas sociedades e intervir nas mesmas.

Com a atual conjuntura em que a Geografia se apresenta como uma ciência crítica e emancipadora, surgem os mapas mentais como ferramenta didático-pedagógica nas intervenções em sala de aula, possibilitando que o discente, através desses instrumentos, aprofunde seus conhecimentos da Geografia Escolar e suas bases estruturantes, como as categorias geográficas (espaço, lugar, território, paisagem e região), compreendendo o espaço vivido e a série de transformações e fenômenos ocasionados em seu lugar.

Através dos mapas mentais é possível capacitar os discentes a compreenderem melhor a realidade posta no espaço e vivenciada cotidianamente, através das situações de ensino e aprendizagem em sala de aula. Com o mapeamento cotidiano do espaço específico abordado, o aluno adquire saberes sistematizados do lugar de vivência, tornando-se potencial ferramenta de transformação espacial possibilitando melhorias do lugar vivido através dos conteúdos abordados e das ferramentas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

Assim, o uso dos mapas mentais nas atividades escolares abre possibilidade para que o professor de Geografia observe e reconheça como os estudantes integram a realidade e os elementos do cotidiano com os conteúdos científicos, a partir de diferentes escalas geográficas, e, também, identifique suas leituras e interpretações do espaço (Richter, p.154).

O objetivo geral deste estudo foi investigar como os estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, localizada na comunidade do Mutirão, bairro do Serrotão em Campina Grande – Paraíba, observam e reconhecem sua realidade específica a partir dos conteúdos de Geografia Escolar presentes nos mapas mentais.

Teve como objetivos específicos: descrever o contexto histórico do ensino da Geografia no Brasil, caracterizar a cartografia escolar desenvolvida através dos mapas mentais, caracterizar o espaço da pesquisa; monitorar a construção dos mapas mentais nas turmas de 7º e 8º ano, descrever o projeto de intervenção desenvolvido e apontar os resultados obtidos com a técnica dos mapas mentais.

A utilização dessa ferramenta pedagógica foi abordada de acordo com o método fenomenológico, utilizando-se das técnicas da pesquisa-ação em sala de aula. O bairro do Mutirão foi eleito para receber o projeto por geograficamente estar situado em um dos locais mais afastados do centro da cidade, caracterizado como periferia, com sérios problemas estruturais em sua delimitação territorial, conformando um processo de segregação sócio espacial na comunidade, que apresenta baixos indicadores socioeconômicos da população residente.

Como afirma Freire (2014), o Mutirão enfrenta diversas problemáticas, dentre elas destacam-se a insegurança e a vulnerabilidade socioambiental, originadas da falta de infraestrutura e de políticas públicas de desenvolvimento social. A comunidade é vítima do preconceito decorrente da sua localização geográfica, que é geradora de estereótipos a respeito dos moradores, afastada do centro urbano na cidade e próxima do presídio Regional do Serrotão e do antigo lixão municipal.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Abaixo estão dispostas as abordagens teóricas e os conceitos que norteiam o presente estudo.

2.1 Contextualizando a produção geográfica

A Geografia, em pleno século XXI, ciência já consolidada pelas estruturas científicas, sociais, educacionais e políticas, está presente nos processos espaciais a nível macro e a nível micro, tornando-se ferramenta de desenvolvimento científico em pleno mundo globalizado, onde a quebra de fronteiras entre as relações sociais e econômicas marcam grande parte do processo atual do capitalismo. Como afirmou Andrade (2008, pag. 19) “Graças aos estudos de Humboldt, o grande naturalista e viajante alemão, e de Ritter, filósofo e historiador, que lecionou por muitos anos na universidade de Berlim, é que a Geografia se tornaria ciência autônoma.”

Porém, nem sempre a Geografia teve o posto de um ramo autônomo de conhecimento, sendo este fruto de um longo processo histórico que perpassou a história de diversos povos da antiguidade e diversos momentos históricos, A produção da Geografia foi moldada a partir dos períodos históricos mais antigos, onde a produção geográfica dos povos primitivos que, mesmo sem saber ler e escrever, apresentavam suas concepções geográficas do espaço e se tornavam seus agentes modeladores, por meio do contato com rochas, que eram utilizadas como um dos principais meios de comunicação da época. O desenvolvimento da Geografia continua a ser moldado pelo processo pioneiro de civilização no período da Geografia na antiguidade oriental com os processos de exploração da terra e as técnicas ligadas a civilização agrícola, com os estudos da hidrografia fluvial e métodos de conhecimento e exploração do espaço, sendo colocadas em prática através das navegações e das relações comerciais dos povos. (ANDRADE, 2008).

Outra importante passagem na produção da Geografia é através da contribuição dos gregos, que na construção das civilizações e o estudo entre sociedade e natureza, como o estudo dos astros através da Astronomia que foi possível a percepção de outros planetas no universo, e até mesmo o estudo espacial da Terra e sua forma esférica, que entre os estudiosos gregos da época, já era aceita esta teoria.

Mesmo com tantos estudos desenvolvidos no decorrer da construção dos povos antes e depois de Cristo, com suas devidas contribuições na formulação e no desenvolvimento da

ciência, ainda sem sua devida caracterização de ciência autônoma, teve um cunho essencial para o que hoje conhecemos como a Geografia, e para os pioneiros estudiosos, como Humboldt que, através dos estudos dos trabalhos naturalistas estruturados historicamente, abriram as portas para o processo de autonomização da ciência, como o filósofo alemão Ritter, que trouxe grande contribuição para a ciência em meio ao desenvolvimento da ciência na academia de Berlim:

E das divagações de analogias formuladas pelo filósofo, surgiu a Geografia como um ramo autônomo do conhecimento, muito ligada a explicações de fenômenos físicos e muito comprometida com as posições políticas dos seus fundadores (ANDRADE, 2008, pag. 19)

Descreve Andrade (2008) que Ratzel e Élisée Reclus, que em pleno século XIX, se tornam agentes desse processo de desenvolvimento da ciência geográfica, assim se juntando aos pioneiros Humboldt e Ritter, na construção da ciência, elaboram os seus estudos predominantemente no campo geográfico. Ratzel trabalha com a conquista de território e posições políticas através da Geografia política e à geopolítica; Reclus, por sua vez, trabalhava com o cunho libertador, defendendo a luta de classes nos estudos geográficos, dessa forma a ciência geográfica teve em pleno século XIX, os seus primeiros ramos de estudos autônomos como ciência, rotulada em sua primeira definição como a “ciência que faz a descrição da superfície da terra.”

Os diversos processos de transformação e reformulação da ciência que resulta nas atuais estruturas que temos hoje em pleno mundo globalizado, passou por muitos processos modeladores e transformadores, principalmente a Geografia Escolar, que passou por diversas modificações com as transformações curriculares nas escolas a nível global. Um grande marco deste processo também está situado no século XIX, com o processo da segunda revolução industrial átona, tomando novos parâmetros para as relações de trabalho, enaltecendo o ensino técnico especializado nas produções e, conseqüentemente, desvalorizando a escola básica pública e o ensino superior.

Já em meados do século XX, a Geografia escolar passa por mais processos ligados a conjuntura política que o mundo estava vivendo, em pleno período de guerra mundial, momento em que a Geografia aprofundava seus estudos, tornando-se grande ferramenta de domínio e expansão, os EUA extinguiram-na dos currículos escolares a nível de ensino fundamental e médio, refletindo essa medida sobre grande parte das nações.

Mas, ainda no século XX, já no período pós-guerra, em meio ao processo de desenvolvimento da globalização, a Geografia escolar a nível global ganha outros parâmetros nos currículos escolares do mundo ocidental e oriental, com alguns países que passaram por processos de reestruturação no sistema educacional, como: EUA, Alemanha, Coreia do Sul e Japão. Com isso a Geografia ganhou ênfase nos debates escolares, agora não unicamente com o viés tradicional, mas intrínseco a Geografia humanista, Geografia crítica, constituindo os pilares da Geografia escolar na nova fase de desenvolvimento do capitalismo, espacialmente marcada pela quebra de fronteiras entre os países, através da globalização, tendo como seu principal marco as revoluções de produção, de comunicação e de transporte, assim caracterizadas como as revoluções técnico-científico-informacionais, onde é possível encontrar o dinheiro em estado puro viabilizando as estruturas econômicas em uma transição para o neoliberalismo. Como melhor explica Santos:

O capitalismo monopolista graças aos progressos técnicos alcançados nos últimos dois séculos e possibilitando uma transição e possibilitando uma transição para a situação atual de neoliberalismo. Agora se pode, de alguma forma, falar numa vontade de unificação absoluta alicerçada na tirania do dinheiro e da informação produzindo em toda parte situações nas quais tudo, isto é, coisas, homens, ideias, comportamento, relações, lugares, é atingido. (SANTOS, 2013, p. 51)

A compreensão sobre educação e informação tem que ter determinada amplitude sobre o período histórico que se localiza, pois, o recorte das estruturas curriculares das escolas só pode ser compreendido e analisado através da leitura política, socioeconômica e espacial do momento histórico vivido.

Um grande reflexo desse processo de globalização que inicializa no século XX e tem sua continuidade até a atualidade do século XXI, é a educação e os meios de informação cada vez mais tornam-se mercadorias. No mundo atual, nem todos os setores da sociedade tem acesso a educação e meios de informação de qualidade e o fator separatista desse processo é o poder aquisitivo de cada setor social. Assim, o acesso da educação em muitos países nessa era globalizada é de plena desigualdade, apenas poucos setores da sociedade têm pleno acesso aos meios de comunicação e direito à educação de qualidade, popular e universal.

Para entendermos o renovado interesse pelo ensino da Geografia a partir do processo de globalização, é necessário citar dois pontos: o primeiro a ser colocado é que a globalização traz uma revalorização das humanidades em geral, nesse período histórico, a formação é um dos principais pilares no processo de profissionalização, já não é mais aceito unicamente cursos e componentes técnicos, é necessário aulas e formações que tenham o teor teórico e

uma prática que ensinem a pensar de acordo com a pluralidade de ideias posta pelo ensino curricular, como o despertar do senso crítico como ser social.

O segundo ponto a ser colocado, é que com o processo de transformação do espaço e as novas relações de poder e de economia entre países, com diversas relações comerciais e informacionais através das estruturas da globalização, faz com que países e pessoas estejam conectadas em uma grande teia social a nível global, sendo agentes transformadores do espaço cotidianamente. Assim, para melhor compreensão dessas novas estruturas abordadas pelo processo de globalização desempenhadas no século XX estando presentes até a atualidade, se faz necessário, ter uma ciência interdisciplinar que tenha em seu campo de estudo a leitura espacial, social, política e econômica das novas estruturas que se moldam no mundo atual, e a ciência a ser trabalhada nas escolas com esse cunho científico, é a Geografia.

O ensino da Geografia no século XXI, portanto deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir o mundo em que vivemos com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza (sem embaralhar uma dinâmica na outra), deve realizar constantemente estudos do meio (para que os conteúdos ensinados não sejam meramente teóricos ou “livrescos” e sim reais. Ligado a vida cotidiana das pessoas) e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas e paisagem (VESENTINI, 1995, p. 219).

A Geografia cada vez mais se alicerça nesse mundo contemporâneo, com suas diversas transformações estruturadas pelo sistema hegemônico financeiro global, pois é indissociável trabalhar o mundo e seus processos com o desenvolvimento dessa ciência que se constituiu junto com o mundo, em seus processos socioeconômicos e, principalmente, espaciais, desde o recorte histórico dos povos primitivos até a atualidade encontrada em meio ao processo mais moderno do capitalismo denominado de globalização.

2.2 O ensino de Geografia no Brasil: contexto histórico

A Geografia Escolar em meio às diversas formas de produção da ciência geográfica também tem um enorme destaque em seu processo histórico, pois não diferente da trajetória de ramo autônomo da ciência, a Geografia Escolar também passou por grandes oscilações nos currículos escolares. O Brasil é um grande exemplo de como a Geografia escolar sofre diversos processos que estão relacionados a conjuntura nacional e internacional política, sendo os interesses políticos os principais modeladores dos currículos e parâmetros nacionais escolares.

A Geografia Escolar no Brasil, teve como marco temporal no seu desenvolvimento o período de meados do século XIX, quando os conhecimentos geográficos eram ensinados sem sua devida importância, ainda eram conhecimentos secundarizados, ou seja, transmitidos conjuntamente com o ensino predominante de outras ciências como astronomia, geometria e cosmografia. A Geografia em quase duzentos anos de escolarização no Brasil não teve seu reconhecimento como disciplina escolar autônoma, seus saberes estavam ancorados a outras ciências no currículo escolar, conforme apontam os estudos a respeito da Geografia Escolar no Brasil.

Foi somente no século XIX, que o ensino de Geografia adquiriu maior importância na educação formal existente no país. Com a criação do Imperial Colégio de Pedro II, localizado na antiga Corte, a disciplina Geografia passa a ter um novo status no currículo escolar. Influenciado pelo modelo curricular francês, no novo estabelecimento de ensino predominavam os estudos literários, mas apesar de não serem a parte mais importante daquele currículo, nele também estavam presentes as ciências físicas e naturais a história, as línguas modernas e a Geografia (ROCHA, 2000, p. 131).

Foi dessa forma que se desenhou o começo do trajeto da Geografia Escolar no Brasil, em sua chegada tardia nos currículos escolares nacionais, por um grande tempo ainda não reconhecida como disciplina escolar, até mesmo por estarem refém dos docentes que transmitem esse conhecimento geográfico na época, em que nenhum tinha em sua formação o estudo da ciência geográfica. Assim, muitos eram oriundos de outros cargos e profissões como advogados ou sacerdotes da época, precisamente vivendo circunstâncias de desvalorização comparada a outros ramos científicos da época.

Ainda no século XIX, houve certa reviravolta relacionada a educação brasileira e, mais especificamente, ao valor de algumas ciências escolares como a Geografia, a partir da criação do Imperial Colégio Pedro II, que tinha o seu modelo curricular diferente das escolas tradicionais, pois a instituição tinha como base o modelo escolar curricular francês que, em sua estrutura, era composto por Ciências Físicas e Naturais, História, Língua Moderna e Geografia.

Muitos desses avanços foram impulsionados por algum interesse da classe dominante, que tinha total controle dos meios de produção e os poderes do Estado na época. Interesses esses do continuo domínio que estava sendo exercido no Brasil em plena época imperial, tendo como um dos objetivos instituir esse novo currículo escolar, através das escolas constituídas da época, como por exemplo o Imperial Colégio de Pedro II, que dava ênfase a disciplinas escolares que jamais tiveram espaços tão importantes na escola brasileira até a atualidade do século XIX. Assim, era através das ciências e da educação que era feita a

capacitação profissional e política de grande parte da elite brasileira da época, para assumir os devidos cargos e atividades de domínio, continuando a hegemonia de um pequeno setor da sociedade sobre a grande população brasileira desprovida de direitos, serviços básicos, como a própria educação.

As razões possíveis estão no fato de que, à medida que a Geografia se constituía como disciplina escolar e prática científica no Brasil, o seu papel fundamental foi o de instrumentalizar de um lado a sanha expansionista das elites dominantes e de outro disseminar, por intermédio da escola, as diversas ideologias geográficas necessárias à construção de uma identidade nacional, natural aistórica (SOUZA NETO, 2000, p. 16).

Já no século XX, ocorrem mais avanços e transformações nos currículos escolares nacionais. No dia 11 de abril de 1931, através do decreto nº 19.851, foi renovado o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário, assim por meio deste decreto viabilizado pelo ministro Francisco campos, foram criadas as primeiras faculdades que ofertaram o curso superior de Geografia, na época conjugado com a História.

Na prática, as duas primeiras universidades organizadas de acordo com as novas regras através do decreto de trinta e um foram, a Universidade de São Paulo (1934) e a Universidade do Distrito Federal, cuja nomenclatura foi transformada em Universidade do Brasil, tornando-se atualmente a UFRJ, em 1938.

Uma área de estudos que tem por objetivo a integração espaço-temporal do educando, servindo-se para tanto dos conhecimentos e conceitos da História e Geografia como base e das outras Ciências Humanas – Antropologia, Sociologia, Política, Economia – como instrumentos necessários para a compreensão da história e para o ajustamento ao meio social a que pertence o educando (PENTEADO, 1992, p. 62).

Outro processo histórico que marca o sistema de educação básica pública do Brasil acontece em plena ditadura militar. É importante salientar que não é possível dissociar a conjuntura política micro ou macro de uma região com as suas estruturas e organizações de currículo da escola, pois muito do que é moldado nos parâmetros curriculares é posto através de medidas interesseiras, que visam moldar a população e o seu acesso a informações e a ciência, de acordo com os interesses do governo vigente. Assim, não é por acaso que no recorte histórico do processo da institucionalização da ciência geográfica na base dos currículos nacionais das escolas básicas é marcado por tantas variações, logo em determinadas épocas históricas a Geografia ganha posição de destaque como ciência escolar, em outros momentos perde esse espaço, tornando-se coadjuvante a outras ciências escolares na base do currículo nacional.

Em 1964, em plena ditadura militar no Brasil, já com Estudos Sociais nas escolas de primeiro e segundo grau em substituição a História e a Geografia, como parte da reforma educacional feita pelos militares da época, visava-se desvalorizar e a educação brasileira e torna-la cada vez mais precária. Dessa forma, o Conselho Federal de Educação aprova a criação de três disciplinas de licenciatura naquela época, Letras, Ciências e Estudos Sociais para a formação de professores atuantes no ginásio - atual ensino médio, assim ainda na mesma década de 1960, aprovaram a resolução nº1, que agravava o processo de precarização do ensino público, diminuindo a quantidade de horas na formação da graduação de licenciados (ROCHA, 2000).

Na década de 1980, já no final de um dos processos políticos mais violentos no Brasil, toda a estrutura educacional modificada de acordo com os interesses políticos dos militares, foi criticada por um artigo chamado “entregar anéis para não perder os dedos” (ROCHA, 2000), em que alertava sobre o sistema educacional do setor básico e superior público, que transformava as licenciaturas curtas e suas formações precárias.

Atualmente, o sistema educacional de ensino público vive uma grande reformulação em sua estrutura, pois é exatamente através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.364/96), em que incluem a revisão estrutural dos currículos de formação de graduação, como também exige revisões nos projetos pedagógicos, assim reformulando o sistema de ensino na formação de professores, que acarreta numa reforma na estrutura dos cursos de licenciatura, como por exemplo o de Geografia.

A partir dos desdobramentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, no final da década de 1990 e, no ano de 2017, foi elaborada a Base Nacional Comum Curricular, cujas orientações norteiam o ensino da Geografia na educação básica brasileira.

Esses documentos possuem um forte viés humanístico que é recomendado para todas as disciplinas do currículo, dentre elas a Geografia e é nessa conjuntura que também a cartografia escolar passa por um processo de transformação, na medida em que há um crescimento da chamada cartografia social, menos preocupada com o tecnicismo e mais voltada para a percepção subjetiva dos indivíduos nas representações.

2.3 A cartografia escolar desenvolvida através da ferramenta dos mapas mentais na leitura do espaço

A cartografia é um dos principais núcleos de pesquisa centrados na interpretação do espaço geográfico, esse processo ocorre em um nível amplo com os diversos processos de leitura espacial desenvolvidos através da cartografia no ensino da Geografia, em diversos países do mundo, assim, o Brasil está incluso.

Mas a cartografia não nasce de hoje como método de interpretação, percepção e análise da linguagem espacial geográfica, sua produção tem contexto histórico ligado ao passado. Desde dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, com os sumérios, com as primeiras representações espaciais em uma placa de barro cozida com escrita suméria, na produção da representação gráfica das regiões a partir do século IV a.c. com o império chinês, que já utilizava os recursos e técnicas cartográficas para dominação e organização da sociedade, delimitando as regiões e suas arrecadações de impostos através da contextualização espacial, Como os egípcios que também utilizavam a cartografia como método de dominação e ainda desenvolvendo cartas geográficas, através de registros cadastrais das terras.

É nesse contexto que a cartografia surge a milhares de anos como ferramenta de interpretação, percepção, análise, estudo e até dominação do espaço. Como a História mostra, a cartografia atualmente está entrelaçada a estrutura do atual processo histórico, político e econômico em vigência, ou seja, está ligada ao desenvolvimento científico da globalização, através principalmente da tecnologia, assim, se renova constantemente de acordo com as ferramentas de percepção do espaço, hoje, a maioria da elaboração dos mapas são feitos digitalmente, com o auxílio dos computadores e softwares específicos para análise do espaço, assim como os satélites, que propiciaram um grande avanço nas técnicas de leitura espacial.

Pensar o uso da linguagem cartográfica como uma metodologia inovadora é torná-la parte essencial para a educação geográfica, para a construção da cidadania do aluno, na medida em que permitirá a ele compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem que traduzirá as observações abstratas em representações da realidade mais concretas. (CASTELLAR, 2011, p. 121)

Na atualidade, essa técnica é de grande importância para os estudos geográficos mais aprofundados sobre o espaço, como também é um importante eixo de pesquisa e estudo relacionado ao ensino de Geografia, denominado de cartografia escolar. Também conhecida como cartografia para crianças e escolares, a cartografia escolar tem como diferencial a

constituição de um saber que articula as áreas da Cartografia, Educação e Geografia (ALMEIDA, 2011).

É dessa forma que a cartografia escolar está intrínseca ao processo de ensino e aprendizagem nas intervenções geográficas, tornando-se realidade a construção e elaboração de mapas em meio ao uso das técnicas cartográficas desenvolvidas na aula de Geografia, assim o processo da prática da cartografia escolar em sala de aula é de grande importância no desenvolvimento das percepções espaço-temporal dos alunos, como compreender melhor na prática determinados assuntos trabalhados pela Geografia em sala de aula.

Em meio ao processo do desenvolvimento da cartografia nas aulas da Geografia, surgem alguns cuidados com o método de aplicação da ciência, pois é necessário adequá-la de acordo com a realidade da escola e dos alunos, como a adequação com o sistema de ensino vigente, assim é perceptível inúmeros pesquisadores e professores que compartilham a necessidade de integrar o estudo e a elaboração dos mapas para além de uma cartografia tradicional. Desse modo, é preciso ir buscar novas propostas para atender aos estudos e desenvolvimentos da construção dos mapas na cartografia escolar, assim surge outra vertente que possibilita o estudo espacial da cartografia escolar, mas sem necessariamente a sua prática estar relacionada aos contextos tradicionais da cartografia, trabalhando as percepções dos alunos para além dos métodos cartesianos e matemáticos, tornando-se possível desenvolver mais o campo da subjetividade do aluno, assim, essa proposta da construção de mapa em outra vertente, intitula-se de mapas mentais.

Ao realizarmos um trabalho que objetiva a melhoria na qualidade do mapa pelo desenvolvimento de uma cartografia mais próximo do contexto de produção do espaço, ou seja, de representar as transformações que ocorrem na sociedade fruto das relações humanas com o meio, o que, em outras palavras, significa dar aos mapas novas possibilidades de construção e de criar outros campos de representação. (RICHTER, 2010, p. 114)

Os mapas mentais são decorrentes de estudos e pesquisas desenvolvidas na França, no século XX, influenciadas pela fenomenologia, constituindo uma abordagem da Geografia da percepção, Geografia das representações ou da Geografia comportamental, ocasionada pela discussão sobre o espaço vivido e o papel do indivíduo na sua leitura estrutural do espaço. O primeiro trabalho desenvolvido com os desdobramentos de uma mudança no método de investigação na Geografia foi a obra de Frémont, *A região, espaço vivido*, publicado em sua primeira edição em 1976 e abordagens traçadas por Gould White em 1974 (PONTUSCHKA. et al, 2007, p.312).

O novo método de percepção do espaço vivido utilizado pelos geógrafos é para além da ciência geográfica, se tornando uma ferramenta interdisciplinar na leitura do espaço, pois é através dos mapas mentais que podemos compreender valores que indivíduos e parte da sociedade depositam aos distintos lugares, são as representações da realidade sendo, assim, elaboradas por um processo no qual são valorizadas experiências e percepção próprias como as percepções auditivas, visuais, olfativas, recordações e memórias guardadas no consciente e inconsciente de cada sujeito, que vivencia a realidade do espaço.

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através de o olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fábulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parciaisidades da imaginação. (TEIXEIRA, 2001, p.121).

O uso dos mapas mentais na aula de Geografia torna-se ferramenta de interpretação e compreensão do espaço através do processo de ensino e aprendizagem entre o educador e os alunos, despertando em diversas ocasiões o empenho e o interesse do aluno, por trabalhar com sua subjetividade e com seus diversos saberes adquiridos com a realidade vivenciada por cada um, pois é compreensível que a leitura da realidade se constitui pelos saberes sistematizados com as informações cotidianas perpassadas pela sociedade ao decorrer das vivências adquiridas ao longo do tempo, é dessa forma, que através dos mapas mentais os alunos possam expressar suas leituras sobre a realidade, por meio do uso da ferramenta pedagógica, como a compreensão dos diversos ambientes que fazem parte do seu cotidiano como paisagens, meios, lugares e delimitações territoriais.

Com isso, é no processo de ensino e aprendizagem que através da ferramenta do mapa mental é capaz de promover ao professor de Geografia a observação e reconhecimento conjuntamente com os estudantes os elementos que compõem e estruturam a realidade vivida dos alunos e da escola presente, assim criando um elo entre a realidade e os conteúdos científicos escolares trabalhados em sala, permitindo um processo de aprendizagem amplo, que trabalhe a teoria da ciência e a realidade vivenciada pelos indivíduos, construindo uma relação de saber mútua, entre os saberes transmitidos cientificamente pelo professor e os saberes coletivos adquiridos através da vivência da realidade de cada um.

A área geográfica de aplicação dessa metodologia foi escolhida através da sua localização espacial, situado na zona oeste da cidade de Campina Grande - Paraíba, a comunidade do Mutirão que pertence ao bairro do Serrotão onde também está localizado a penitenciária de segurança máxima de Campina Grande.

Segundo Freire (2014), o Mutirão enfrenta diversas problemáticas, dentre elas destacam-se a insegurança e a vulnerabilidade socioambiental, originadas da falta de infraestrutura e de políticas públicas de desenvolvimento social. A comunidade é vítima do preconceito decorrente da sua localização geográfica, o que é gerador de estereótipos a respeito dos seus moradores. Trata-se de uma comunidade afastada do centro urbano da cidade de Campina Grande, próxima do presídio Regional do Serrotão e do antigo lixão municipal.

A referida comunidade tem em torno de sete mil habitantes e passa por diversos problemas socioambientais, com instalações precárias de serviço do poder público, como a falta de saneamento básico, o baixo índice de escolaridade da população que também acarreta diversos processos sociais ligados a violência, como um grande número de assassinatos na comunidade, ligação de uma parte dos habitantes com as drogas e o crime organizado, e número alto de enfermidades ligadas a falta de infraestrutura, como focos de água parada, esgoto a céu aberto, e uma parcela da água que abastece a comunidade, poluída.

É a partir da compreensão dessa realidade que as intervenções didático-pedagógicas através do estudo da cartografia com o desenvolvimento dos mapas mentais nas aulas de Geografia se materializam na única escola de ensino básico completo da comunidade do Mutirão, a Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida.

3 METODOLOGIA

A seguir está detalhada a metodologia que estruturou a pesquisa, compreendendo o método, o local de estudo, população e amostra e as técnicas.

3.1 Método

O método escolhido para desenvolver a pesquisa foi o fenomenológico, aplicando ao contexto escolar, que trabalha de acordo com a análise dos fenômenos e suas interpretações de acordo com suas manifestações. Assim, o presente trabalho deu ênfase ao pensamento de que o mundo é criado pela consciência, dessa forma, é levado em consideração a subjetividade do aluno, ou seja, o conjunto das ideias, significados, emoções, sentimentos e razão que fundamentam o ser.

A realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade, da consciência voltada para o fenômeno. Segundo Bicudo (1994, p. 18), “não há, pois, para a fenomenologia, uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações”.

Nesse contexto, a pesquisa abordada tem cunho qualitativo, que trabalha com a subjetividade do objeto analisado, explorando sua particularidade e experiências no campo individual, já que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números” (GIL, 2010, p. 38).

Em sua estrutura, a abordagem da pesquisa tem caráter de pesquisa-ação, configurando-se a pesquisa em que existe um envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados. A pesquisa-ação, segundo a definição de Thiollent (1985) apud Gil (1999, p.46) “... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.”

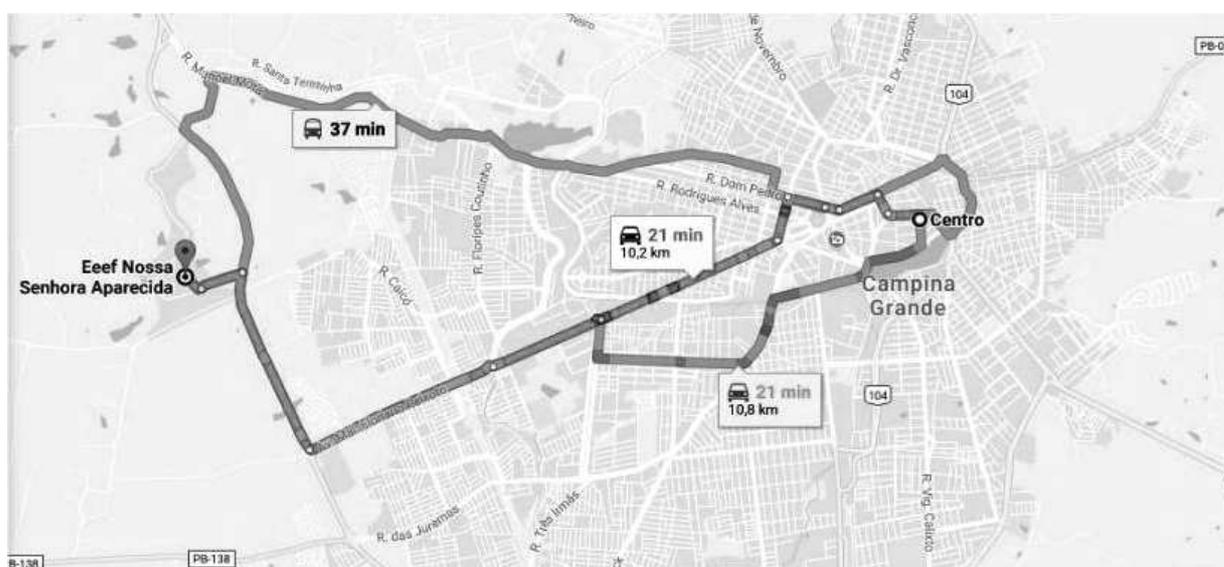
3.2 Local do Estudo

O estudo foi desenvolvido na escola estadual Nossa Senhora Aparecida, integrante da rede pública da comunidade do Mutirão, bairro do Serrotão, escolhida em função das

características da comunidade, mais precisamente da periferização, segregação socioespacial e pelos problemas socioeconômicos enfrentados pela população local.

Segundo a Associação dos Moradores do local, o Mutirão engloba parte da população carente da cidade e possui cerca 7.250 moradores. A comunidade está situada no Bairro do Serrotão, na BR 230, Alça Sudoeste de Campina Grande, há cerca de 8 km do centro da cidade.

Figura 1: Distância da Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida em relação ao centro da cidade de Campina Grande, PB



Fonte: Google Maps, adaptado.

De acordo com Freire (2014), o Mutirão é uma área marcada por disparidades sociais e econômicas, fato observado até pela localização geográfica e construção das casas. Se de um lado existem residências com apenas um cômodo, do outro, são encontradas estruturas com mais de um pavimento. Segundo entrevista realizada com agentes comunitárias de saúde com atuação na comunidade, mais de 90% da população sobrevive de um salário mínimo, embora existam comerciantes que possuam empregados domésticos, além de imóveis e outros comércios na cidade. Em meio as disparidades encontradas na construção dos conjuntos habitacionais e nas casas de autoconstrução, existem áreas cujo acesso não é recomendado por serem perigosas.

3.3 População e Amostra

O público desta pesquisa compreendeu alunos da unidade da única escola pública estadual situada na Comunidade Mutirão, Bairro do Serrotão, Campina Grande, PB. A unidade que a pesquisa foi desempenhada é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida.

No decorrer das atividades na escola pública estadual de ensino fundamental I e II, a amostra foi constituída por dois momentos, o primeiro foi o desempenho das intervenções e suas atividades propostas na turma do 6º ano C, pelo turno da manhã

E o segundo momento foi o desenvolvimento das intervenções e suas atividades propostas com as turmas do 7º ano B, e 8º ano B, pelo turno da tarde.

3.4 Técnicas de coleta de dados

Para o desenvolvimento da pesquisa foram elaboradas uma série de atividades de acordo com as intervenções propostas, a partir dos objetivos traçados na pesquisa. Os primeiros encontros foram para desenvolver conteúdos básicos da Geografia escolar para a compreensão espacial dos alunos, como o estudo sobre a definição de Lugar, Território, Paisagem e Região.

Após as primeiras intervenções didático pedagógicas, foi feito a atividade de grupo focal, uma técnica de pesquisa qualitativa, mas que foi posta nessa determinada circunstância, como atividade de debate sobre os diversos relatos da realidade encontrada na comunidade e a vivência dos alunos na prática cotidiana, assim a atividade foi dividida em quatro grupos com uma média de cinco alunos por cada grupo.

Após alguns conteúdos base da Geografia escolar trabalhado, e depois da vivência do grupo focal, foi trabalhado o documentário “lixo extraordinário”, que abriu a discussão em sala sobre o uso do espaço, os diversos processos de degradação espacial e questões ambientais sobre o espaço da comunidade do Mutirão, cujas imediações, até o ano de 2011, constituíam o depósito de lixo da cidade de Campina Grande, mais conhecido popularmente como “lixão”, que gerou diversos impactos sociais, espaciais e ambientais na comunidade.

Em seguida, foi realizado em sala de aula, intervenções de cunho cartográfico, que em primeiro contato, é feito uma introdução da ciência com a abordagem das cartas topográficas e, após o primeiro momento de cunho teórico científico, as ideias foram trabalhadas de acordo com a realidade socioespacial dos alunos, assim, o segundo momento é caracterizado pela

leitura da carta geográfica da comunidade do Mutirão, imagens de satélite através de figuras capturadas pelo Google Earth e imagens das diversas localidades do Mutirão.

Para o desenvolvimento das percepções e interpretações do espaço vivido, é realizado após a leitura espacial geográfica, com o auxílio da cartografia escolar, uma aula de campo com as turmas do 7º B e 8º B, que teve como objetivo compreender os elementos que constituem o espaço geográfico da comunidade Mutirão através da paisagem, da delimitação do território e da compreensão do Lugar e seus respectivos processos espaciais ocasionados ao longo do tempo. O roteiro da aula de campo, exclusivamente pela comunidade do Mutirão, foi o seguinte, roteiro partindo da rua Rosa Maria Bandeira na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, para a obra do canal, passando pela rua José da Guia Ferreira, seguindo pela rua Rafaela Souza e Silva, em seguida a rua Camarões, e prosseguindo pela rua Jamaica, retornando pela SAB, Caixa d'água e concluindo o percurso com o retorno a Escola Nossa Senhora Aparecida.

Após a aula de campo, no encontro posterior, foram desenvolvidos os mapas mentais nas turmas que participaram da aula campo como todas as outras intervenções pedagógicas desenvolvidas anteriormente. Os alunos tiveram equivalente ao tempo de duas aulas para desenvolver a atividade, que tinha como delimitação espacial para a interpretação do espaço vivido através dos mapas mentais o roteiro casa-escola. Logo após a primeira remessa de mapas mentais desenvolvidas pela turma, foi feito mais um encontro com a avaliação da atividade coletivamente com a sala, e abordagens de cunho cartográfico sobre o espaço da comunidade, para posteriormente, no encontro sucessor, o desenvolvimento da segunda remessa dos mapas mentais com as turmas trabalhadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS

A seguir serão apresentados os resultados e suas respectivas discussões.

4.1 Caracterização do espaço da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade do Mutirão, que tem cerca de 7.250 moradores atualmente, estando a comunidade situada na extensão territorial do bairro do Serrotão, há cerca dez quilômetros do centro da cidade de Campina Grande, o acesso é através de transporte público do centro da cidade até a comunidade é de cerca de 45 minutos à 1 hora, apenas uma linha de ônibus atende a comunidade com frota reduzida, circulando apenas um ônibus, de hora em hora. A Figura 2 apresenta a Rua Rafaela Souza Silva, principal rua da comunidade, onde se localizam os principais pontos comerciais, a Sociedade de Amigos de Bairro, o Clube de Mães, sendo também o local por onde transita o transporte público no Bairro (FREIRE, 2014).

Figura 2: Rua Rafaela Souza Silva - principal da Comunidade do Mutirão



Fonte: Acervo Pessoal de Josué Felipe

Tanto pelo recorte espacial, por estar afastada do centro da cidade, como pelo fato da população local emergir de habitações feitas pela prefeitura municipal e por ocupações feitas irregularmente no tecido urbano por habitantes que tinham como principal atividade econômica o trabalho no lixão de Campina Grande, que até pouco mais de 5 anos se localizava nas imediações da área da comunidade, assim, com todo esse contexto, a população que habita no Mutirão é de indicadores socioeconômicos baixos, uma parte da população vivendo a beira da miséria, e uma pequena elite localizada no centro da comunidade, que tem a propriedade de muitas residências na área cobrando pelo seu aluguel. Esse índice de pobreza local gera processos ligados a violência e a degradação social na comunidade.

Na comunidade do mutirão não existem escolas de nível médio, comportando apenas três instituições educacionais públicas - a creche municipal Vovó Adalgisa César de Almeida, localizada na rua principal do bairro - a rua Rafaela Sousa e Silva. A segunda escola localizada no bairro é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire, situada na rua Luan Sousa Silva, que oferece as séries do ensino infantil completo e ensino fundamental I; a terceira instituição de ensino é a escola estadual de ensino fundamental Nossa Senhora Aparecida, estabelecida na rua Rosa Maria Bandeira da Silva, que oferta a população as séries do ensino fundamental I e II, nesta terceira instituição foram desenvolvidas as intervenções pedagógicas que norteiam o presente trabalho, com as turmas 8º B e 7º B, no turno da tarde.

Os alunos da comunidade que vão para as séries do nível médio se dirigem para escola Irmã Joaquina Sampaio, localizada no Bairro do Serrotão.

As turmas em que o projeto foi desenvolvido tem perfis parecidos, foram o 7º ano B, que tem um total de 17 alunos, sendo cinco alunos homens e doze mulheres, com a faixa etária de 12 a 16 anos e o 8º Ano B, que tem um total de 16 alunos, sendo sete alunos homens e nove mulheres, numa faixa etária de 13 a 18 anos. É quase unânime entre os alunos das duas turmas possuírem residência na própria comunidade do Mutirão.

4.2 Projeto de intervenção desenvolvido

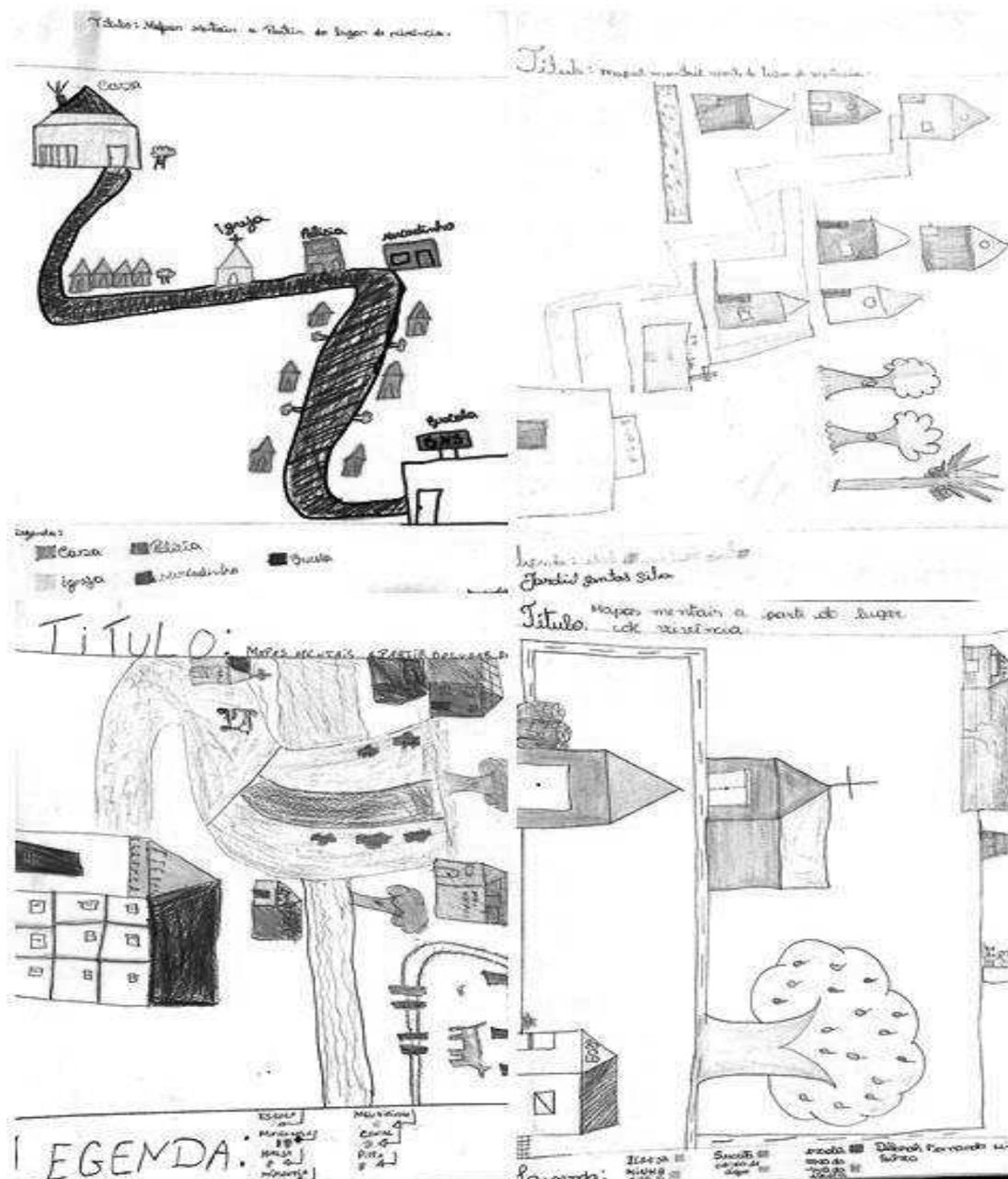
Os mapas mentais representam uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido e que traz consigo valores sociais que refletem a experiência social de seus executores, constituem-se em importantes instrumentos, pois permitem aos produtores do espaço geográfico exprimir sua forma de vê-lo, senti-lo e produzi-lo. Ao se perceberem parte integrante e deixarem fluir seus sentimentos em relação ao lugar, os indivíduos criam uma

relação de respeito e cumplicidade com o espaço vivido, o que pode se tornar base para atitudes de transformação da realidade vivida. (SANTOS, 2011 p. 238)

Nesta etapa serão apresentados os mapas mentais produzidos durante o projeto de intervenção, sendo primeiro apresentados os que foram desenvolvidos pelos alunos antes das intervenções e, na sequência, os mapas elaborados após a realização do projeto.

Os Mapas Mentais apresentados na Figura 3 foram elaborados por quatro alunos do oitavo ano, materializando-se o primeiro contato dos alunos com os mapas mentais.

Figura 3: Primeira remessa dos mapas mentais confeccionados através da percepção dos alunos do 8º ano B



Fonte: Alunos do 8º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida

O primeiro mapa acima da esquerda para direita é de autoria de Amanda Milene, que em sua rápida percepção esboçou o caminho casa- escola, com alguns elementos naturais em seu caminho, representados pelas arvores, a vizinhança em sua volta, representada com as casas ilustradas de rosa, o espaço religioso através da igreja, a unidade de polícia pacificadora do bairro e o mercadinho, esses três últimos espaços percebidos estando localizados na rua principal da comunidade, Rua Rafaela Sousa e Silva.

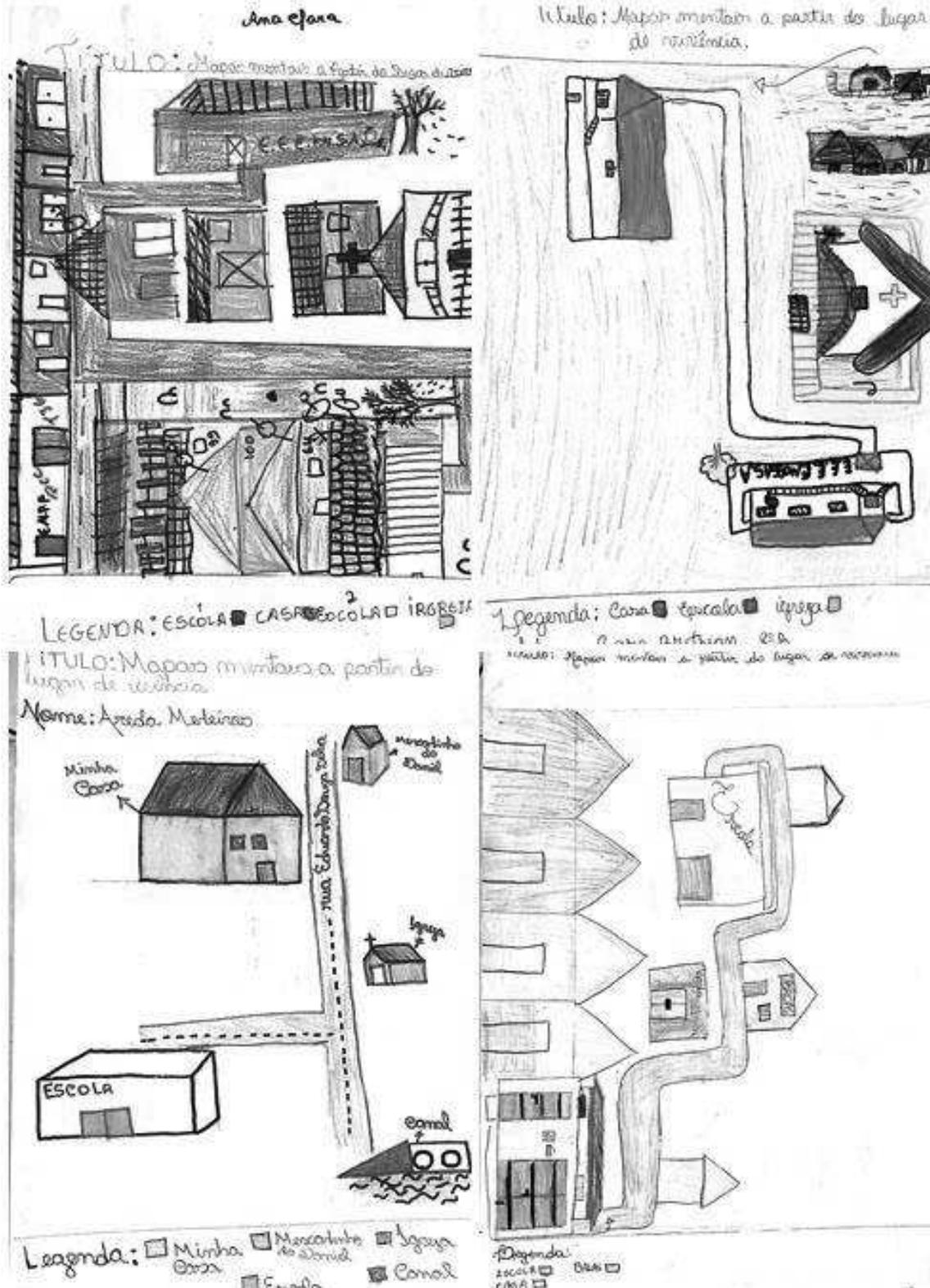
O segundo mapa mental foi desenvolvido pelo aluno Jardiel Santos Silva, que em sua representação começa o trajeto com algumas informações do espaço vivido através da representação das casas e das ruas, mas sem identificação que se materializa na legenda, sem a representação da sua residência e das casas no entorno ilustradas. Um elemento essencial da percepção espacial do aluno é o espaço da construção do canal não terminada, que acarreta diversos problemas a comunidade, representada no mapa mental pela cor verde, por estar sempre com água poluída; no decorrer do caminho, o próximo elemento a ser observado é o espaço religioso representado pela igreja apresentada pela cor amarela, refletindo a realidade concreta, encerrando o mapa com a representação da escola com pouca cor e vida.

O terceiro mapa mental preparado pelo aluno Jackson Lucas que, após a ilustração da sua residência para o início do trajeto do mapa, traçou o seu caminho até a escola com a representação, tanto do espaço urbano como rural. Dessa forma, os elementos naturais esboçados, o curral, o gado, e o pastoreio indicam a representação do espaço rural. O meio urbano é representado pelas ruas, a pista asfaltada, o tráfego dos automóveis e as localidades inseridas. No decorrer do caminho, o aluno ilustra a casa do seu vizinho de cor verde, espaços de representação afetiva ligados a família, como a casa da tia de cor amarela, ao lado está situada a obra do canal, no decorrer da memorização do lugar vivido, a igreja torna-se mais uma vez um dos pontos de observação dos alunos em seus mapas, representando a centralidade do lugar e a afeição da comunidade com a mesma.

O último mapa foi construindo pela aluna Deborah Fernanda, que começa sua percepção por sua residência que é o ponto geográfico que mais ganha cor e vida, representando sua afeição pelo espaço. Na mesma rua, ilustra uma casa representando a vizinhança, alguns elementos naturais, o espaço religioso representado pela igreja católica simbolicamente com a representação da cruz. Outro ponto da sua percepção é o espaço da sucata, que nem todos os moradores da comunidade tem essa percepção, mas que acaba por demonstrar um traço social e histórico da comunidade, encerrando sua percepção pela escola.

Em seguida, a Figura 4 apresenta mais uma rodada de mapas, representativa da percepção inicial de mais quatro alunos da turma, antecedendo a realização das intervenções.

Figura 4: Elaboração dos mapas mentais pelos alunos do 8º ano B em sua primeira remessa



Fonte: Ana Clara, Sara Brithian, Areda Medeiros e Heloisa da Silva alunas do 8º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida

O primeiro mapa mental a ser analisado na figura apresentada é o da aluna Ana Clara, que representa a sua realidade com uma diversidade de elementos espaciais, que constituem a sua rua e as ruas paralelas até o fim do trajeto na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida. Começa o mapa por sua residência com a percepção da sua vizinhança, que tem localizado a Escola Municipal Paulo Freire representado pela sigla (E.M.P.F.) e em sua representação da realidade no espaço representado pela escola existem pichações que dividem o muro com o nome da escola, “PCC” e “TJG”.

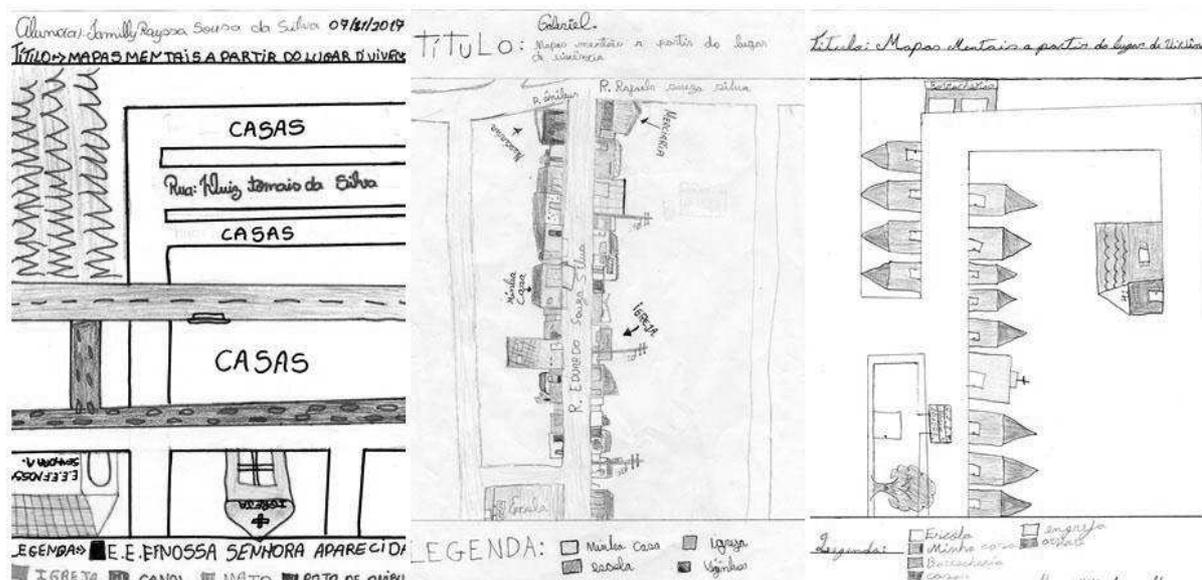
As siglas representadas nas pichações significam Primeiro Comando Capital, facção criminosa que disputa o tráfico de drogas no local e Torcida Jovem do Galo, representando uma das torcidas organizadas de um dos times mais populares da cidade, respectivamente, em seu mapa também faz a percepção do espaço religioso representado pela igreja e a escola ganha uma representação de destaque no mapa mental, representando a afetividade e a subjetividade do aluno sobre o local.

O mapa posterior é de autoria da aluna Sara Brithian, que representa o seu lugar tendo como pilares da observação três principais elementos do espaço; a sua casa, a Igreja, espaço religioso de referência a fé e a símbolos religiosos que, no mapa, ganham maior dimensão que os outros elementos percebidos, representando a consideração pelo lugar através da representação do seu espaço, a escola encerra o trajeto com os elementos principais observados. No mapa também existe a percepção de outras ruas e pistas da localidade.

O terceiro mapa é da aluna Arede Medeiros, que representa o seu lugar explanando o espaço da sua residência e da sua vizinhança. Curiosamente e distintamente da boa parte dos alunos que confeccionaram os mapas mentais, a localização das ruas por seu nome, como a rua de sua residência, Eduardo Sousa e Silva, também fez a leitura do espaço religioso e do canal, que ganhou algumas representações na percepção de obra inacabada, como algumas vielas atreladas ao esboço do canal, concluindo com a percepção da escola.

O último mapa da figura é representado pela aluna Heloisa Alexandre, que expõe a sua percepção da lugar vivido a partir da sua residência e da rua onde mora, o espaço religioso representado pela igreja que, não necessariamente é de cunho católico, pois não existe a representação dos símbolos ligados a religião e, antes de chegar no seu ponto final representado pela escola, outro espaço é observado pela aluna, representada de “balas” onde é interpretado através da subjetividade de Heloisa, pela afinidade e a representação simbólica do lugar, que em sua realidade concreta é localizado o mercadinho. Uma terceira remessa de representações acerca do espaço vivido é apresentada na Figura 05, também antecedendo a realização do projeto de intervenção.

Figura 5: Primeira remessa dos mapas mentais confeccionado pela turma do 7º ano B



Fonte: Jamilly Rayssa Sousa, Gabriel da Costa e Vitor Araújo Alves. Alunos do 7º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida.

O primeiro mapa da Figura 05 foi elaborado pela aluna Jamilly, que representa a complexidade do lugar, com o espaço urbano representado pelas ruas calçadas e pela pista asfaltada que dá acesso às casas e à escola, assim como a representação do espaço rural que, na legenda do seu mapa, representa como “mato”, porém estando paralelo à pista e às ruas calçadas, em sua percepção no trajeto casa-escola os principais pontos a serem observados, foi a igreja localizada paralelamente à escola. De acordo com o mapa mental, o canal que ganha uma tonalidade relacionada à sua poluição, estando a céu aberto e cruzando o mapa de uma ponta a outra, demonstrando a sua extensão na comunidade a partir da vivência. O ponto de ônibus localizado na pista é uma das percepções da aluna, por tornar-se particularmente local de referência na comunidade, por fim, encerra com a representação da escola.

O segundo mapa apresentado na figura é o de Gabriel da Costa, que demonstra uma percepção da comunidade e de sua vivência mais ligada ao espaço urbano, com a percepção da pista asfaltada, da vizinhança em sua totalidade de casas e prédios, também demonstrando um ensaio do crescimento vertical dentro das áreas centrais da comunidade. Faz a representação das instalações elétricas da comunidade, com a representação da igreja ganhando espaço de destaque e da Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida como ponto final, estando o caminho e os elementos de percepção interligados.

O último mapa mental da figura 05 é do aluno Victor Araújo que, em sua percepção, expõe o seu trajeto casa-escola, começando por sua residência, porém sem nenhuma percepção da vizinhança ou das casas do entorno, representando a pista asfaltada como

caminho principal para a sua chegada na escola, colocando todos os pontos de percepção no mapa localizados na rua principal, como a borracharia que ganha destaque, como a igreja que, em sua representação está a cerca de outras casas na rua, distinto da rua da borracharia e da sua casa, por fim o espaço que encerra o trajeto - a escola, representada sem cor e sem vida demonstra um pouco da sua relação de afinidade com a instituição de acordo com a subjetividade do ser, em consonância com a literatura que aborda os mapas mentais.

Podemos interpretar que os mapas mentais trazem neles representações muito mais do que pontos de referência, para facilitar a localização espacial: O lago é lugar onde eu pesco; a igreja o lugar onde eu rezo; o parque o lugar onde eu brinco. Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode te revelar (NOGUEIRA, 2002, p.130).

Após a primeira remessa de mapas mentais, realizado por as duas turmas da escola Nossa Senhora Aparecida, localizada na comunidade do Mutirão, foi feita algumas intervenções para aprofundar os conhecimentos espaciais do lugar vivido e expandir as compreensões sobre as teorias da Geografia escolar analisando como os conteúdos abordados em sala de aula se materializam no espaço da realidade vivida dos alunos.

A intenção das intervenções pós primeira remessa dos mapas mentais nas duas turmas foi que, a partir da vivência da aula de campo e da análise espacial, através do estudo geográfico na realidade concreta vivida pelos alunos, as compreensões sobre o lugar que habita tenham desenvolvido uma percepção mais profunda, científica e geográfica dos alunos, ampliando a expansão da percepção de cada aluno unindo com os saberes empíricos transmitidos por aqueles que vivem essa realidade socioespacial, podendo resultar em uma compreensão mais completa sobre as teorias fundamentais do espaço desenvolvidas na geografia escolar á nível de ensino fundamental como Lugar, Paisagem e Território, como a assimilação das estruturas espaciais do lugar vivido e, por conseguinte, uma utilização mais consciente do espaço.

A culminância das intervenções realizadas nas duas turmas foi a realização de uma aula de campo na própria comunidade, procurando identificar a percepção dos alunos com relação aos problemas ambientais e sociais presentes no espaço vivido, ou seja, que alteram a paisagem. A Figura 06 apresenta fragmento do estudo de campo desenvolvido.

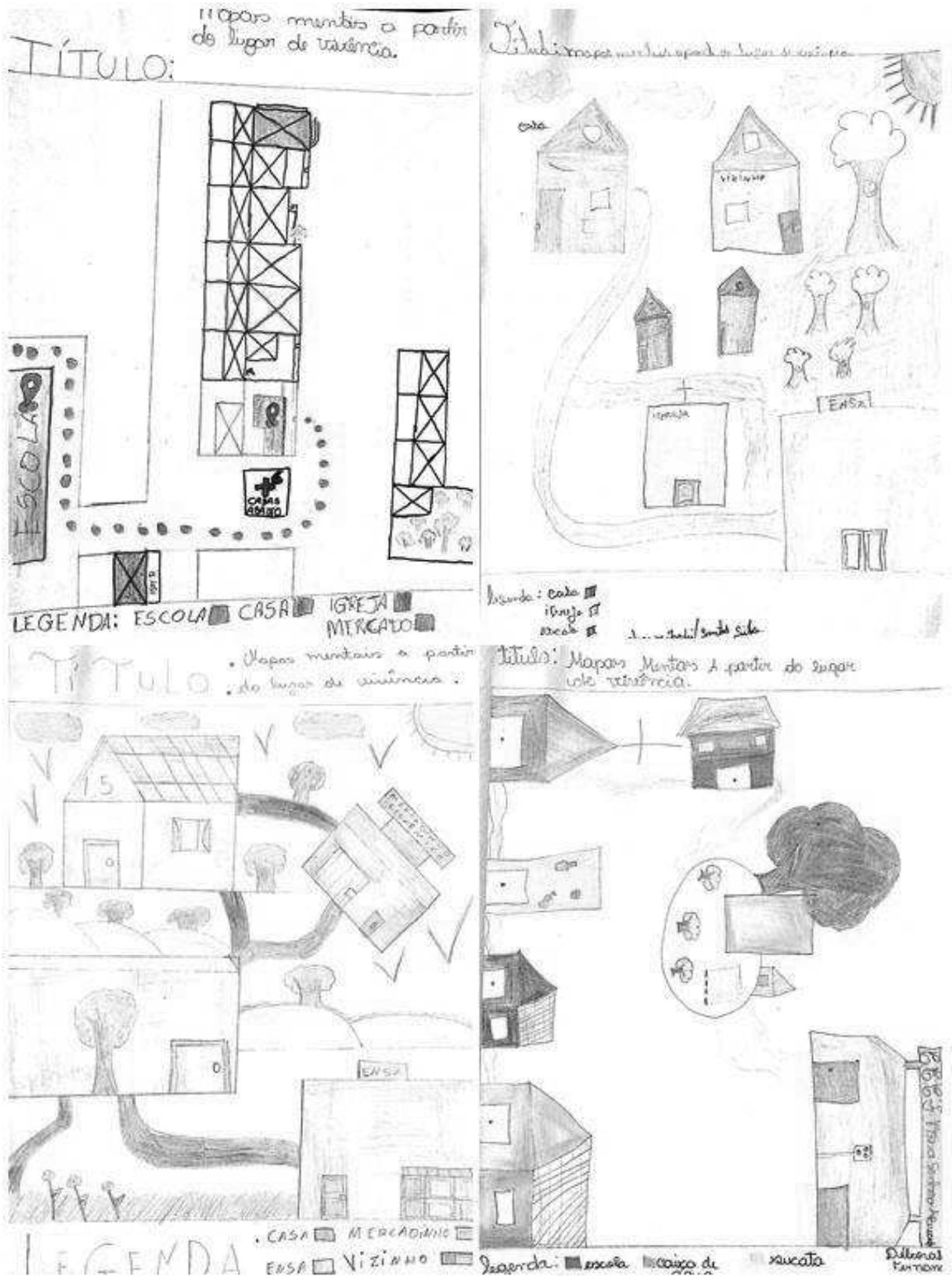
Figura 06: Aula de campo para expansão dos conhecimentos espaciais e geográficos dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamenta Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Após a aula de campo e as intervenções cartográficas, realizadas com o auxílio das ferramentas didático-pedagógicas, com a utilização da carta topográfica local e mapa da cidade de Campina Grande, imagens de satélite da extensão territorial da comunidade a partir da utilização do *software Google Earth*, foi realizada pelas duas turmas trabalhadas de ensino fundamental na escola estadual Nossa Senhora Parecida a segunda remessa de mapas mentais, pós aula de campo e intervenções didático pedagógicas em sala de aula, conforme é possível identificar pela Figura 07.

Figura 7: Segunda remessa de mapas mentais confeccionados por alunos do 8º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Jackson, Amanda, Jardiel, Jackson e Deborah, Alunos do 8º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida.

A figura 07 é composta por quatro mapas mentais realizados pelos mesmos alunos que confeccionaram o primeiro bloco de mapas mentais apresentado na figura 03. Agora, após as intervenções didático-pedagógicas realizados em sala de aula nas aulas de Geografia e a aula de campo realizada no território da comunidade do Mutirão, são apresentados os mapas mentais em sua segunda remessa.

O primeiro mapa mental apresentado na figura é do aluno Jackson Lucas Pereira da Silva, que expressa o seu lugar vivido e o trajeto casa-escola, a partir da rua onde reside e casas acerca da sua casa que se materializa em uma pequena rua paralela a rua que se localiza. Algumas localidades foram colocadas como pontos espaciais em sua percepção, como a igreja que representa o espaço de fé e espiritualidade para aqueles que fazem parte da instituição, também foi posto um ponto espacial comercial representado por um mercadinho não identificado ao mapa e, por fim, a Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, seu trajeto cotidiano é representado em sua percepção através da linha pontilhada pela cor rosa.

O segundo mapa posto na figura presente é o da aluna Amanda, que também ilustra o seu trajeto sem muita profundidade em sua percepção materializada no mapa mental, ainda confusa com os elementos espaciais e os caminhos que ligam ambos, em sua percepção da ênfase ao espaço rico em elementos naturais representados pela área composta por grama, árvore, água e sol, símbolos dos principais elementos naturais compostos em nossa terra, para além de sua residência ilustrada na área central do mapa, também esta inserido em sua percepção (1) um vizinho, a igreja católica e a Escola Nossa Senhora Aparecida.

O terceiro mapa a ser analisado na figura presente é do aluno Jackson Lucas que apresenta uma série de elementos, é um espaço bem misto em sua representação, onde relacionam-se os caminhos de terra, as árvores, o gramado, a fauna e a flora posto no mapa que caracteriza um espaço com uma grande riqueza de recursos naturais com os elementos espaciais de localização urbana no bairro como o mercadinho e a Escola Nossa Senhora Aparecida que se localiza em uma rua paralela a principal Rafaela Sousa e Silva, outros pontos espaciais de observação estão presentes como sua residência e o “vizinho” que estão presentes no trajeto cotidiano trabalhado pelo mapa mental.

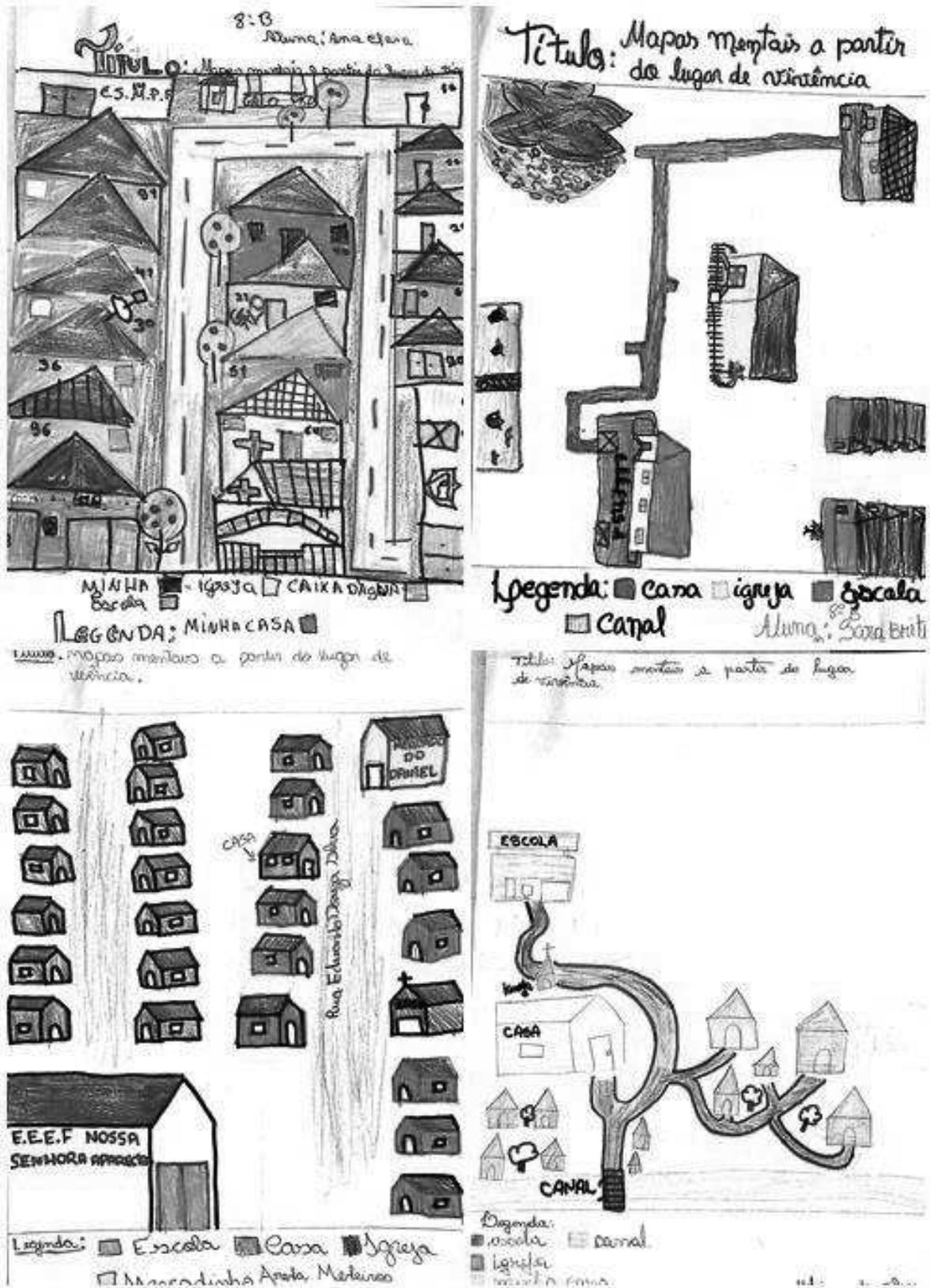
O quarto mapa de destaque na figura é da aluna Deborah Fernanda que em seu mapa mental confeccionado em sua segunda remessa, expõe de acordo com seu leitura do lugar de vivência, através dos saberes empíricos da vivencia cotidiana do espaço, em meio a sua subjetividade, que a partir da percepção por meio do mapa pontua alguns espaços que estão presentes em seu cotidiano e seu trajeto casa-escola, sua residência como ponto inicial, a vizinhança que não necessariamente está posto no mapa na mesma localidade ou rua, estando

o espaço apresentado enumerado dos principais locais que estão presentes no seu percurso de deslocamento diário na comunidade, como o espaço religioso representado pelo símbolo igreja católica, a caixa d'água localizada no contorno da rua principal da comunidade, Rua Rafaela Sousa e Silva, a Sucata que representa um espaço presente, desde o surgimento do mutirão quando a maioria das famílias que habitavam na comunidade tinha a coleta de lixo como uma das principais atividades econômicas.

É importante mencionar que mesmo sem o lixão presente nos dias atuais da comunidade, a atividade de coleta ainda é muito presente na comunidade, assim a sucata torna-se um dos pontos espaciais marcantes na organização do território do mutirão, por fim é feito a percepção da escola Nossa Senhora Aparecida, é importante constatar que a aluna desenvolveu sua percepção a partir das intervenções em sala de aula, compreendendo um pouco mais a estrutura do espaço de vivência, porém ainda com algumas dificuldades na relação entre os espaços e seus caminhos.

Em sequência na Figura 08 será apresentada mais uma rodada de mapas elaborados pelos alunos do 8º ano B, também participantes da primeira etapa do trabalho.

Figura 08: Mapas Mentais confeccionados em sua segunda remessa por alunos da turma do 8º Ano “B”



Fonte: Ana Clara, Sara Brithian, Arede Medeiros e Heloisa da Silva alunas do 8º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida.

De acordo com a figura 08, é exposto mais um bloco de mapas mentais confeccionados por alunos do oitavo ano em sua segunda remessa, após as intervenções realizadas em sala de aula e a análise feita através da aula de campo, segue respectivamente a elaboração dos mapas mentais de acordo com a figura.

O primeiro mapa mental apresentado na figura é o da aluna Ana Clara, que em sua percepção no decorrer do trajeto casa-escola, materializado pelo mapa mental, tem uma dimensão espacial que reflete a organização do espaço vivido, na segunda remessa do mapa, a aluna, consegue fazer o esboço de seu trajeto diário da sua residência até a escola, desenvolvendo a compreensão do espaço de acordo com a realidade, distinto do mapa da primeira remessa em que Ana Clara, conseguiu em sua percepção enumerar diversos pontos espaciais e localidades presentes no seu espaço vivido, mas ainda sem ter uma noção mais completa dos caminhos e como se ligam, na segunda remessa, tanto o trajeto vivenciado cotidianamente como a organização das ruas, casas, e elementos inseridos no espaço, obtém uma organização e conexão entre os pontos espaciais com mais ênfase na realidade vivida, assim no mapa mental confeccionado por Ana Clara, tem como elementos espaciais principais percebidos de acordo com a legenda e a dimensão da representação dessas localidades, sua residência, a vizinhança que em sua percepção é organizada de acordo com as ruas do trajeto, o espaço religioso compreendido pela igreja católica com o simbolismo da cruz que ganha grande dimensão no mapa e finalizado pela escola Nossa Senhora Aparecida.

O segundo mapa mental trabalhado na figura 08 é da aluna Sara Brito, que na segunda remessa de mapas mentais faz a percepção do seu lugar vivido, com a percepção dos elementos espaciais, como o espaço religioso representado a igreja, o canal que ganha uma tonalidade verde por sua poluição com a ilustração de poluição e resquícios de alimentos no local, a vizinhança afastada dos elementos espaciais percebido e a escola que ganha uma representação de destaque no mapa mental, representando a sua afinidade com o local, porém, a percepção sobre os caminhos e suas ligações entre o espaço percebido ainda incompletas e superficiais, destacando os elementos sem seu devido trajeto.

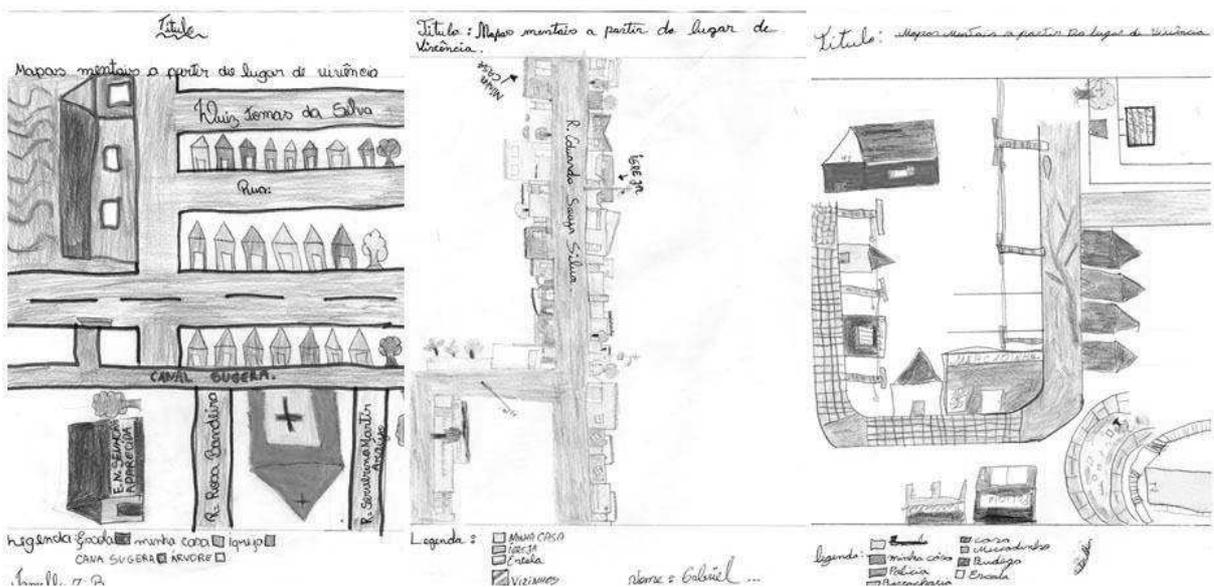
O terceiro mapa abordado na figura, é da aluna Areda Medeiros, que na segunda confecção dos mapas mentais, ganha uma evolução da compreensão da organização e dinâmica do lugar vivido, conseguindo através da percepção do lugar, verifica-se que através do mapa, a aluna, conseguiu ressaltar os elementos considerados mais significativos, como a religiosidade representada pela instituição da igreja católica, espaço comercial como o mercadinho do Daniel, o nome da rua em que vive com a representação da vizinhança local, e a escola estadual de ensino fundamental Nossa Senhora Aparecida, assim demonstrando um

território cheio de significados que através da sua compreensão do lugar ajudam na sua localização e orientação no deslocamento espacial, é importante evidenciar que a partir da segunda remessa, Areda consegue em sua percepção organizar os elementos, ruas e caminhos que ligam as localidades presente em seu cotidiano.

O último Mapa Mental posto na figura oito, é de Heloisa da Silva, que representou sua casa perto de uma área arborizada, verificando que perto da sua residência, existe a área do canal, que é observado a sua poluição através de resíduos sólidos e água parada imprópria para o consumo humano, representada também a passagem por cima do canal que tornou-se um caminho diário para aqueles da comunidade que necessitam tramitar entre seus espaços, a vizinhança também ganha uma percepção mesmo estando em uma certa desorganização espacial, com casas, ruas e caminhos conectados porém desorganizados em meio a organização espacial da realidade, entretanto, é perceptível o avanço da leitura espacial através da segunda remessa de mapas mentais, comparando a primeira confecção feita pela aluna, quando em sua percepção no primeiro mapa enumera apenas três principais pontos espaciais e o caminho elaborado não conecta todos os elementos espaciais, distinto do mapa atual, quando o trajeto materializado no mapa mental tem seus pontos espaciais ligados ao caminho elaborado.

Em sequência na Figura 09 será apresentada mais uma rodada de mapas elaborados pelos alunos do 7º ano B, também participantes da primeira etapa do trabalho.

Figura 9: Confeção dos mapas mentais em sua segunda remessa realizado por alunos do 7º Ano “B”



Fonte: Jamilly Rayssa Sousa, Gabriel da Costa e Vitor Araújo Alves. Alunos do 7º Ano da EEEF Nossa Senhora Aparecida.

Os mapas mentais apresentados na figura atual são dos alunos Jamilly Rayssa, Gabriel da Costa e Vitor Araújo, alunos da turma do sétimo ano que participaram de todo o processo das intervenções didático pedagógico com cunho cartográfico como participaram da aula de campo e das atividades desenvolvidas. Dessa forma, também foi feito uma segunda remessa dos mapas mentais na turma do sétimo ano.

O primeiro mapa mental posto na imagem é na aluna Jamilly Rayssa, em que apresenta o seu espaço vivido com a representação de destaque da sua residência, com a ilustração da rua em que reside e as ruas paralelas e transversais a sua residência, em sua percepção apenas uma das ruas é nomeada, rua Luiz Tomaz da Silva, a maioria das ruas posto em sua percepção ganharam casas em que é representado como vizinhança na legenda do mapa mental, o espaço religioso é representando através da igreja católica, e o canal é outro ponto de grande destaque do mapa, estando representado na legenda como canal, e sua coloração é posto na legenda como “sugere” em cor verde que representa toda a degradação e poluição do canal e da água vigente como os focos de poluição de água parada que resultam em grandes focos de mosquito *Aedes Egypt*, em que reflete no grande número de doenças que o mosquito torna-se transmissor como Dengue, Chikungunya e Zika na população do mutirão, assim também demonstrando o descaso por parte do poder público que iniciou a obra a mais de cinco anos, excedendo a data limite para entrega da obra a população, estando a obra ainda inacabada e gerando diversos problemas sociais, ambientais, biológicos e espaciais para a comunidade.

O segundo mapa mental presente na figura é do aluno Gabriel da Costa, que em sua percepção do trajeto diário até a escola que estuda, expõe o espaço percebido limitado a duas ruas, a rua Edmundo Sousa Silva, rua em que reside e estar os principais pontos de percepção no seu mapa e a rua paralela não identificada onde está localizada a rua da escola estadual Nossa Senhora Aparecida e uma área arborizada em torno da localidade, os seus principais pontos de percepção são o local onde reside, a igreja representando o espaço religioso no mapa mental, e a vizinhança que constitui boa parte das localidade do mapa até o fim do trajeto na rua paralela localizada a escola.

O terceiro e último mapa apresentado é pelo aluno Vitor Alves, que em sua percepção expõe uma diversidade de elementos espaciais estando interligados pelo seu caminho diário até a escola demonstrando a complexidade ao tecido urbano presente na realidade espacial do aluno, na rua em que reside e também posto a vizinhança segundo o mapa é presente toda a rede elétrica que distribui energia para o bairro estando conectados desde a rua em que reside até a escola, demonstrando o nível de percepção dos elementos que compõe o espaço vivido,

outro ponto a ser destacado no mapa mental de Vitor Alves é em que a rua que reside existe alguns caminhos percorrido na ilustração pela água que torna-se presente em quase toda a rua, representando o esgoto a céu aberto que está presente em boa parte das ruas da comunidade do Mutirão que tem boa parte das ruas e das instalações residenciais sem saneamento básico.

Também é importante ressaltar que o caminho da sua residência até a escola tem algumas variações na sua representação, assim o marrom colocado em sua rua que percorre boa parte do trajeto é designado para o caminho de terra e o caminho ilustrado pelo quadriculado apenas com o grafite é designado para a rua de calçamento que liga até a escola, alguns dos pontos principais da observação de Vitor no seu mapa mental são representados pelo espaço localizado a unidade de polícia pacificadora representado na legenda como “polícia”, o mercadinho que ganha destaque na sua representação estando presente ao seu trajeto diário, logo após a bodega que também está presente no trajeto representando um dos pontos comerciais conjuntamente ao mercadinho e pôr fim a escola como último ponto da sua trajetória diária.

Porém as percepções de Vitor não encerram unicamente pelo trajeto, espaços como a borracharia ao lado da unidade da polícia pacificadora também vêm em sua percepção como a representação da caixa d’água que ao seu redor ganha uma área arborizada com elementos naturais e ao centro a representação da caixa d’água, representando uma realidade vivida por muito dos jovens do mutirão que, por falta de investimentos do setor público em áreas de lazer na comunidade, adotam essa localidade como a única “área de lazer” presente na comunidade.

Assim, é comum na realidade da comunidade que a maioria dos jovens por falta de um espaço público que ofereça infraestrutura de esporte, lazer e cultura, concentrem uma grande porcentagem de seus jovens neste espaço sem o desenvolvimento de atividades ou dinâmicas que desenvolvam as faculdades intelectuais, psicológicas e físicas dos jovens, ocupando boa parte do tempo dos jovens pelo ócio e pelas poucas oportunidade que espacialmente a comunidade pode oferecer, tornando-se um processo perigoso no desenvolvimento pessoal de cada jovem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia, ciência indispensável no estudo do espaço e dos processos ocasionados ao decorrer do tempo cronológico, que tem o homem como um dos agentes modeladores do espaço, logo constituindo-se como um saber estratégico para localizar, compreender e interpretar o espaço, torna-se por meio da abordagem fenomenológica ferramenta fundamental na assimilação e transformação do espaço que, a partir das intervenções didático pedagógicas em sala de aula, possibilita espaços de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento das percepções geográficas espaciais e sua dinâmica, de acordo com as relações vividas cotidianamente.

Dessa forma, através do processo de ensino e aprendizagem, os mapas mentais surgem como um recurso metodológico eficiente para o estudo do lugar e a sua compreensão como categoria de análise que, a partir do seu desenvolvimento nas aulas de Geografia em sua primeira remessa foi possível despertar as percepções dos alunos sobre o espaço vivido cotidianamente.

Também por meio das intervenções trabalhadas em sala de aula com a Geografia escolar e seus assuntos ligados a compreensão do espaço, auxiliados por recursos didáticos como a carta topográfica e o mapa da cidade, em conjunto com análise do espaço em sua realidade, através da aula de campo, possibilitaram que os alunos desenvolvessem saberes sistematizados do lugar de vivência, presentes na segunda rodada dos mapas apresentados.

Dessa forma, o projeto desenvolvido procurou despertar uma consciência socioespacial, ambiental e econômica acerca do lugar, tornando-se potencialmente ferramenta de transformação espacial, possibilitando melhorias do lugar para a comunidade presente, como o desenvolvimento de uma Geografia escolar trabalhada de acordo com a realidade vivida dos alunos e seus espaços de vivência, ampliando o conhecimento geográfico para além das “quatro paredes” da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. de. **Geografia ciência da sociedade**. Recife: ED. Universitária da UFPE, 2008

CASTELLAR, Sonia Vanzella. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Novos rumos da cartografia escolar: Currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2014

FREIRE, Z. B. **Periferização e exclusão socioespacial: uma análise a partir da comunidade Mutirão na cidade de Campina Grande, PB**. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba: Campina Grande, Centro de Educação, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 125-131.

OLIVEIRA, M. M. O processo de ensino-aprendizagem na geografia: uma revisão necessária. **Revista Terra Livre**, São Paulo: Presidente Prudente. Ano 24, v.1, n. 30, p.151-170, jan-jun./2008.

RICHTER, Denis. **Raciocínio Geográfico e Mapas Mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do ensino médio**. Denis Richter, Presidente Prudente

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Uma breve história da formação do(a) professor(a) de geografia no Brasil**. Terra livre, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record 2006.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. **A ciência geográfica e a construção do Brasil**. Terra Livre. São Paulo, n.15, p 9-20, 2000

APÊNDICE A – Caderno de Campo

Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida

Disciplina: Geografia

Professor: Amaro Freire

Aluno: _____

Turma: 8º B e 7º B

Turno: Tarde

Caderno de Campo

Campina Grande-2017

OBJETIVO: Compreender os elementos que constituem o espaço geográfico da comunidade Mutirão através da paisagem, da delimitação do território e da compreensão do Lugar, e seus respectivos processos espaciais ocasionados ao longo do tempo, como a degradação e poluição do meio ambiente e a falta de saneamento básico e calçamento das ruas do bairro.

APÊNDICE B - LOCAL DE ESTUDO

APÊNDICE C – ROTEIRO DA PESQUISA

- **Localização Geográfica**

- **Espaço Geográfico do Mutirão identificada da paisagem**
Infraestrutura das ruas, Saneamento Básico, Análise do ambiente.

- **Aspectos Socioeconômicos:**
O perfil econômico das residências

- **Atuação do Estado: sua eficiência ou ineficiência**

- **Consequências ambientais em decorrência da poluição do espaço.**

Análise da obra inacabada do Canal:

Paisagem da rua Rafaela Souza e Silva:

Observação das ruas Camarões e Jamaica:

Reconhecimento das áreas destinadas a prestação de serviços da população:

Considerações Finais:
